

## Mundus novus.

ALBERICVS VESPVTVS LAURENTIO  
PETRI DE MEDICIS SALVTEM PLVRI  
MAM DICIT.



Superioribus diebus satis ample tibi scripsi de reditu meo  
ab nouis illis regionibus: quas et classe: et impensis: et man-  
dato istius serenissimi portugalle regis perquisiimus: et in-  
uenimus quas nos nouum mundum appellare licet. Quando  
opō maiores nostros nulla de ipsa fuerit habita cognitio  
et audientibus omnibus sit nouissima res. Et enim hec opi-  
nionem nostrorum antiquorum excedit: cum illorum maior pars dicit vi-  
tra lineam equinoctialem: et versus meridiem non esse continentem: sed ma-  
re tantum quod atlanticum vocare: et si qui earum continentem sibi esse af-  
firmauerunt: eam esse terram habitabilem multis rationibus negauerunt.  
Sed hanc eorum opinionem esse falsam: et veritati omnino contrariam hec  
mea ultima nauis declarauit: cū in partibus illis meridientis continen-  
tem inuenimus frequentibus populis: et animalibus habitatam: et no-  
stram Europam: seu Asiam: vel Africam: et insuper aerem magis tempera-  
tum et amenum: et in quauis alia regione a nobis cognita: prout inferius  
intelliges: ubi succedat tantum rerum capita scribemus: et res digniores an-  
notatione: et memoria: que a me vel uise: vel audite in hoc nouo mundo  
fuerunt infra patebit.

Prospero cursu quattordecima mensis Maij. Millesimo quingentesimo  
primo recessimus ab Olyssippo mandante prefato rege: cum tribus na-  
uibus ad inquirendas nouas regiones versus austrum. Cuius mensibus  
continenter nauigauimus ad meridiem. Cuius nauigationis ordo talis est.  
Nauigatio nostra fuit per insulas fortunatas: sic olim dictas: nunc autē  
appellantur insule magne canarie: que sunt in tercio climate: et in consini-  
bus habitati occidentis. Inde per oceanum totum litus africanum: et par-  
tem ethiopicam percurrimus usque ad promontorium ethiopicum: sic a ptolemaeo  
dictum: quod nunc a nostris appellatur Caput Viride: et ab ethiopicis Xese-  
gibe: et regio illa mandinga gradibus: 14. Intra torridam zonam a linea  
equinoctiali versus Septentrionem: que a nigria gentibus et populis habi-  
tatur. Ibi resumptis uiribus: et necessarijs nostre nauigationi extulimus  
anchoras: et expandimus uela uentis: et nostrum iter per vastissimum occa-  
num dirigentes versus antarcticum parumpet per occidentem inferimus.

Fac-símile da primeira página da Mundus Novus,  
reproduzido da edição de Jehan Lambert



## MUNDUS NOVUS

CARTA A LORENZO DI PIERFRANCESCO DEI MEDICI<sup>1</sup>

Saúde. Nos dias passados, muito amplamente te escrevi<sup>2</sup> sobre meu  
retorno daquelas novas regiões que — por mando desse sereníssimo  
rei de Portugal<sup>3</sup>, às suas custas e com a sua frota — procuramos e  
encontramos, as quais é lícito chamar de Novo Mundo, porque  
nenhuma delas era conhecida dos nossos maiores<sup>4</sup>; porque é coisa  
novíssima para todos os que ouviram [falar] delas; e porque isso excede  
a opinião de nossos antepassados, pois a maior parte deles diz que,

<sup>1</sup> Lorenzo di Pierfrancesco dei Medici: destinatário de cinco das seis cartas escritas por Vespúcio ou atribuídas a ele. Membro do poderoso clã dos Medici, Lorenzo conseguiu manter-se em Florença mesmo depois de a família ter sido expulsa da cidade em fins de 1494. Banqueiro e financista, não trabalhava apenas com o mercado de capitais; seus negócios incluíam também construção de navios e importação de produtos do Oriente. A casa bancária dirigida por ele tinha filiais pela Europa, uma das quais em Sevilha. Na Espanha, para onde Vespúcio, seu empregado e amigo, transferiu-se em 1491. É importante não confundir-lo com seu tio, mais rico, mais importante e mais conhecido, Lorenzo, o Magnífico.

<sup>2</sup> Te escrevi: conforme comentado na nota 1, cinco das seis cartas escritas por Vespúcio, ou atribuídas a ele, foram dirigidas a Lorenzo dei Medici. As cartas às quais Vespúcio ou o compilador da *Mundus Novus* estaria se referindo nesse trecho são as chamadas *Carta do Cabo Verde* e *Carta de Lisboa*, que o leitor encontrará na sequência desse livro, além de pelo menos uma carta perdida que o próprio Vespúcio menciona.

<sup>3</sup> Sereníssimo rei de Portugal: D. Manuel I (1469–1521), rei de Portugal de 1495 a 1521, chamado de “o Venturoso”.

<sup>4</sup> Maiores: antepassados. Em latim, *maiores*, palavra que também pode ser empregada com esse mesmo sentido na língua portuguesa. (Nota de Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo, a partir de agora identificados por JA e LCF.)

além da linha equinocial<sup>5</sup> e para o meridiano<sup>6</sup>, não há continente, mas apenas mar, que chamam de Atlântico. E, se alguns deles afirmaram que ali havia continente, negaram — por muitas razões — que aquela terra fosse habitável.

Todavia, essa última minha navegação constatou que essa opinião deles é falsa e totalmente contrária à verdade, já que encontrei naquelas partes meridionais um continente habitado por mais numerosos povos e animais do que na nossa Europa, ou Ásia, ou África<sup>7</sup>. Além disso, [encontrei] um ar mais temperado e ameno do que em qualquer outra região por nós conhecida, como mais abaixo saberás, onde sucintamente só escrevemos o essencial das coisas e as coisas mais dignas de anotação e memória que por mim foram vistas ou ouvidas nesse novo mundo, como abaixo fica exposto.

Aos 14 do mês de maio de 1501<sup>8</sup>, por ordem do mencionado rei, partimos de Lisboa com boa navegação, com três navios<sup>9</sup>, para explorar<sup>10</sup>

<sup>5</sup> *Linha equinocial*: é a Linha do Equador, onde a latitude é de zero grau. Do latim *aequus*, "igual".

<sup>6</sup> *Meridiano*: grande círculo que passa pelos pólos da esfera terrestre, bem como pelo zênite de um determinado ponto. Do latim *meridianus*, que significa "meio-dia".

<sup>7</sup> Embora estivesse ocupado por milhões de nativos e uma infinidade de animais, o continente que viria a ser chamado de América com certeza não possuía mais habitantes do que a Europa, a Ásia e a África — na verdade, talvez fosse o menos populoso dos três.

<sup>8</sup> *14 do mês de maio*: a data da partida de Vespúcio de Lisboa é controversa, mesmo porque ele próprio apresentou duas outras versões: na *Lettera* e na *Quatro Navegações*, afirmou que teria zarpado no dia 10 de maio, mas, na carta de quatro de julho de 1501, a data é 13 de maio. O mais provável é que a última afirmação seja a correta, pois aquela carta, além de considerada autêntica, foi escrita durante a viagem, menos de um mês após a partida. A questão da data é importante, pois, somando-se a ela os dias que Vespúcio disse ter navegado, pode-se saber o dia em que a esquadra aportou no Brasil.

<sup>9</sup> *Três navios*: a frota era composta por três caravelas, como em geral todas as expedições de reconhecimento ou de descobrimento de novas costas realizadas pelos portugueses. Com seu baixo calado e grande agilidade náutica, as caravelas eram consideradas barcos "bons para descobrir". Nada permite supor que Vespúcio fosse o capitão de um daqueles navios.

<sup>10</sup> *Explorar*: o verbo latino é *inquirere*, que pode significar inquirir, procurar informações, investigar, perscrutar, pesquisar, indagar; esquadrinhar, perguntar. Torna-se claro aqui o principal objetivo da expedição. (JA e LCF)

novas regiões no austro<sup>11</sup>. Navegamos durante 20 meses<sup>12</sup> contínuos para o meridiano. O roteiro<sup>13</sup> dessa navegação é o seguinte: nossa navegação foi pelas Ilhas Fortunadas — outrora assim denominadas e agora chamadas Grandes Canárias —, que estão no terceiro clima<sup>14</sup> e nos confins habitados do Ocidente<sup>15</sup>. Depois, percorremos, por todo o oceano, o litoral africano e parte etiópica, até o Promontório Etíope — assim chamado por Ptolomeu<sup>16</sup> —, o qual é agora chamado de Cabo Verde<sup>17</sup> pelos nossos,

<sup>11</sup> *Austro*: sul. Em latim, *auster*, "vento do sul", podendo significar também a região de onde vem este vento.

<sup>12</sup> *20 meses*: a cifra com certeza está errada. Pode ter sido um dos tantos erros dos copistas que, por vezes, têm sido atribuídos a Vespúcio. O número correto talvez seja "10 meses", uma vez que os algarismos "1" e "2" eram freqüentemente confundidos em manuscritos dos séculos XV e XVI. A viagem durou quase 16 meses (de maio de 1501 a sete de setembro de 1502). Mas a jornada desde o Nordeste do Brasil, onde a frota aportou, até os confins da Patagônia, onde ela iniciou sua viagem de volta, durou os 10 meses aos quais Vespúcio talvez tenha se referido.

<sup>13</sup> *Roteiro*: em latim, *ordo* (ordem, fileira, arranjo). (JA e LCF)

<sup>14</sup> *Terceiro clima*: os antigos geógrafos referiam-se a três climas, relacionados com suas respectivas zonas — o frígido, o temperado e o tórrido. A zona tórrida, ou terceira zona, localizada nas cercanias do Equador, era considerada inabitável, já que se supunha que ali o calor seria tão forte que torraria os seres vivos.

<sup>15</sup> *Confins habitados do Ocidente*: expressão usada na época para designar o limite habitável do Ocidente e o início da zona tórrida, durante muito tempo identificado pelos geógrafos como as Ilhas Canárias, também chamadas Ilhas Afortunadas (citadas no texto como Ilhas Fortunadas). Cabe salientar ainda que, na costa ocidental da África, na mesma latitude das Canárias, ficava o Cabo Bojador, conhecido como Cabo Não — uma terrível barreira geográfica e psicológica que durante séculos reteve o avanço dos navegadores europeus em direção às regiões equatoriais do Atlântico.

<sup>16</sup> *Ptolomeu*: Cláudio Ptolomeu (c. 97–164), brilhante geógrafo, astrônomo e matemático grego que viveu quase toda a sua vida em Alexandria, no Egito; defensor da tese de que a Terra era o centro do universo. Apesar desse equívoco, sua obra — em especial o *Guia da Geografia* — foi uma das mais importantes da história das ciências naturais, influenciando a concepção do cosmo até o início do ciclo das grandes navegações. Foram as descobertas dos portugueses que decretaram a obsolescência das idéias de Ptolomeu, que, ainda assim, continuaram sendo muito citadas até fins do século XVI.

<sup>17</sup> *Cabo Verde*: belíssimo promontório, recoberto de palmeiras, ao qual os portugueses chegaram — e assim batizaram — em 1444, em expedição comandada por Dinis Dias. Após as vastas extensões desérticas percorridas ao longo da costa africana e os perigos representados pelo Cabo Não, o Cabo Verde surgia como visão fascinante e tranqüilizadora para os navegadores. Localizado no Senegal, o cabo fica a 14 graus de latitude norte, como afirmou Vespúcio. Dacar, capital do Senegal, ergue-se numa baía localizada junto ao Cabo Verde, antigamente chamada de Beseguiche.



Imagem de Cláudio Ptolomeu publicada no mapa-múndi de Martin Waldseemüller, 1507

pelos etíopes<sup>18</sup> de Beseguiche<sup>19</sup>, e aquela região Mandinga<sup>20</sup>, 14 graus dentro da zona tórrida da linha equinocial para o setentrião<sup>21</sup>, a qual é habitada por gentes e povos negros.

Ali, recuperadas as forças e [as coisas] necessárias para a nossa navegação, levantamos âncoras e demos velas aos ventos. Dirigindo nosso caminho pelo vastíssimo oceano, para o [Pólo] Antártico, dobramos um pouco para o ocidente, pelo vento que se chama vulturno<sup>22</sup>. Desde o dia que partimos do dito promontório, navegamos pelo espaço de dois meses e três dias<sup>23</sup> sem que nenhuma terra nos aparecesse. O que sofremos naquela

<sup>18</sup> *Etiópes*: do grego *aethiops*, que significa “face queimada”. Vespúcio emprega a palavra no mesmo sentido utilizado por Ptolomeu. Na época, Etiópia era virtualmente um sinônimo para África.

<sup>19</sup> *Beseguiche*: enseada localizada imediatamente ao sul do Cabo Verde, onde hoje fica Dacar, capital do Senegal.

<sup>20</sup> *Região*: em latim, *regio*. Alguns preferem traduzir por “país”. (JA e LCF) *Mandinga*: do banto *manding*, cujo significado mais provável é “terra de feiticeiros”. (EB)

<sup>21</sup> *Setentrião*: região norte. Também significa o vento norte, o Pólo Norte. Em latim, *septentrionis*, “conjunto de sete bois”, nome que os antigos romanos davam às duas constelações boreais, a Ursa Maior e a Ursa Menor, compostas por sete (*septem*) estrelas cuja disposição se assemelhava a bois de carga (*trionis*).

<sup>22</sup> *Vulturno*: vento do sudoeste. Em outra edição latina do texto, menciona-se “áfrico”, o mesmo que libeicho. (JA e LCF) Do latim *vultur*, abutre. (EB)

<sup>23</sup> *Dois meses e três dias*: aqui, mais uma vez, as imprecisões de Vespúcio ou os erros de copistas ou tipógrafos criam problemas graves para os historiadores. “Dois meses e três dias” equivalem a 63 dias. No parágrafo seguinte, porém, Vespúcio diz que viajou por 67 dias. Na *Lettera*, a cifra citada é a mesma — “dois meses e sete dias” —, mas, na segunda carta a Lorenzo dei Medici, a *Carta de Lisboa*, redigida em setembro/outubro de 1502, tida como autêntica, Vespúcio informa que a viagem durou 64 dias. Um dos maiores especialistas na viagem de 1501, Moacyr Soares Pereira, acha que a cifra correta é 64 dias e que a expedição avistou terra no dia sete de agosto daquele ano. Outros pesquisadores acreditam que a esquadra teria chegado ao Brasil em 17 de agosto, no Cabo de São Roque — assim batizado porque 17 de agosto é o dia consagrado a São Roque. Tendo sido de 67 ou de 64 dias, a travessia do Cabo Verde até o Nordeste do Brasil durou bem mais que a da expedição de Pedro Álvares Cabral no ano anterior, que percorreu a mesma distância em apenas 28 dias. O tempo médio necessário para realizar aquela travessia, no século XVI, de fato variava em torno de um mês.

vastidão do mar — perigos de naufrágio, incômodos que sustentamos no corpo, angústias da alma que padecemos<sup>24</sup> — deixo à estimativa daqueles que conheceram muito bem a experiência de muitas coisas, do que seja procurar o incerto e ainda o que seja investigar o desconhecido.

Para que, em uma palavra, resuma<sup>25</sup> todas as coisas, saiba que, dos 67 dias que navegamos, tivemos 44 [dias] contínuos com chuva, trovões e relâmpagos, de tal modo escuros que nunca vimos nem o sol de dia nem o céu sereno à noite, pelo que nos sobreveio tanto temor que quase renunciemos a toda esperança de vida. Contudo, nessas tantas e tão grandes procelas do mar e do céu, aprouve ao Altíssimo mostrar-nos um continente, novas regiões e um mundo desconhecido, pela visão dos quais fomos invadidos de tanta alegria quanto alguém possa imaginar ser costume acontecer àqueles que conseguiram salvar-se de várias calamidades e da fortuna adversa<sup>26</sup>.

No dia sete de agosto de 1501, baixamos âncoras nos litorais das mesmas regiões<sup>27</sup>, dando graças ao nosso Deus, com solene súplica e uma missa celebrada com canto. Ali soubemos que a mesma terra não era ilha, mas continente, porque se estende por longuíssimos litorais que não a cercam e porque está repleta de infinitos habitantes. Com efeito, nela

<sup>24</sup> Na versão italiana falta a frase “incômodos que sustentamos no corpo, angústias da alma que padecemos”. (JA e LCF)

<sup>25</sup> *Resuma*: o verbo latino é *perstringere*, que significa tocar de leve, apenas de passagem. (JA e LCF)

<sup>26</sup> Em frase tão tocante quanto poética, Vespúcio revela ter percebido, desde o início, que a nova terra à qual chegou depois de tantas angústias e calamidades não era nem ilha nem parte da Ásia, mas “um continente”, “um mundo desconhecido”. Até que ponto essa conclusão seria apenas dele ou do conjunto da expedição que ele integrava é algo que pode ser apenas especulado.

<sup>27</sup> O dia e o local em que a expedição da qual participava Vespúcio aportou no Novo Mundo permanecem controversos, embora se saiba que a aterragem se deu no Brasil. Ele próprio fala em duas datas diferentes: sete de agosto (nesta carta) e 17 de agosto (na *Lettera* e na *Quatro Navegações*). Muitos estudiosos acham que a informação correta é 17 de agosto, dia consagrado a São Roque, o que teria determinado o nome dado ao Cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, a 5,12 graus de latitude sul, provável local do desembarque e primeiro sítio batizado pela expedição, que, na seqüência da jornada, continuaria denominando os acidentes da costa com o nome do santo do dia, utilizando o chamado calendário hagiológico.

encontramos inúmeras gentes e povos, gêneros de todos os animais silvestres que não se acham em nossas regiões e muitas outras [coisas] nunca vistas por nós; seria longo falar de cada uma delas.

Muita clemência Deus nos manifestou<sup>28</sup> quando chegamos àquelas regiões. Com efeito, nos faltavam lenha e água, e podíamos suportar a vida no mar por poucos dias. Ao mesmo [damos] honra, glória e ação de graças. Resolvemos navegar seguindo<sup>29</sup> o litoral desse continente para oriente, nunca afastados daquela vista. E logo percorremos aquilo tanto tempo que chegamos a um ângulo onde o litoral fazia uma virada para o meridiano. E daquele lugar — onde atingimos primeiramente a terra — até esse ângulo, foram cerca de 300 léguas<sup>30</sup>. No caminho dessa navegação, descemos muitas vezes em terra e conversamos amigavelmente com aquela gente<sup>31</sup>, conforme ouvirás abaixo.

Esqueci-me de escrever-te que, do promontório do Cabo Verde até o princípio daquele continente são cerca de 700 léguas<sup>32</sup>, embora estimo que tivéssemos navegado mais do que 1.800<sup>33</sup>, em parte pela ignorância dos locais e [ignorância] do piloto, em parte pelas tempestades e pelos ventos que impediram nosso caminho direto e nos impeliam para freqüentes desvios. Pois, se os companheiros não tivessem pedido ajuda a mim, que conhecia a

<sup>28</sup> *Manifestou*: do verbo latino *circumfulgere* (resplandecer, brilhar, distinguir-se). (JA e LCF)

<sup>29</sup> *Seguindo*: no latim, *secundum* (conforme, segundo). (JA e LCF)

<sup>30</sup> *300 léguas*: cerca de 1.800 quilômetros. Léguas, em latim *legua*, originário do celta *leak* (pedra), é uma medida de distância que variou muito com o tempo e de país para país. As léguas referidas por Vespúcio seriam equivalentes a 3,2 milhas náuticas atuais, ou 5.926 metros. O almirante Max Justo Guedes, maior conhecedor da história naval brasileira, observa, porém, que as distâncias citadas por Vespúcio estão exageradas em cerca de 40 por cento.

<sup>31</sup> Vespúcio afirma aqui, e repete logo a seguir, que o encontro com os nativos foi amigável. Na *Quatro Navegações*, porém, ele descreve um terrível combate com os indígenas, durante o qual um marinheiro foi capturado e comido pelos nativos ante o olhar atônito da tripulação.

<sup>32</sup> *700 léguas*: cerca de 4.200 quilômetros. A distância entre o Cabo Verde, no Senegal, e o Cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, é de aproximadamente três mil quilômetros e não os 4.200 quilômetros assinalados por Vespúcio — cifra que, na verdade, corresponde ao habitual exagero de cerca de 40 por cento sugerido pelo almirante Max Justo Guedes.

<sup>33</sup> *1.800 léguas*: cerca de 10.800 quilômetros. Caso se aplique, também a esse caso, a diminuição de 40 por cento às distâncias citadas por Vespúcio, a frota teria navegado cerca de 6.500 quilômetros entre o Cabo Verde e o Brasil.

cosmografia, não havia piloto ou nosso guia de navegação com por 500 léguas<sup>34</sup>, soubesse onde estávamos. Estávamos, pois, vagando e errantes. Somente os instrumentos dos altos corpos celestes nos mostraram exatamente a verdade: esses foram, como todos sabem, o quadrante e o astrolábio. Desde então todos me trataram com muita honra, pois mostrei-lhes que, [mesmo] sem conhecimento da carta de marear, eu tinha mais experiência com a ciência de navegar do que todos os pilotos do mundo ao mesmo tempo. Com efeito, estes não têm nenhum conhecimento se não daqueles locais que navegaram muitas vezes.

Além disso, de onde o dito ângulo da terra nos mostrou desvio do litoral para o meridiano, concordamos em ultranavegá-lo<sup>35</sup> e investigar o que havia naquelas regiões. Navegamos, pois, seguindo o litoral cerca de 60 léguas<sup>36</sup>. Muitas vezes descemos em terra, falamos e conversamos com os habitantes daquelas regiões, e por eles éramos recebidos paternalmente<sup>37</sup>. E alguma vez ficamos com eles 15 ou 20 dias contínuos, amigavelmente e com hospitalidade, como saberás abaixo.

Parte desse novo continente está na zona tórrida, além da [linha] equinocial, para o Pólo Antártico. Com efeito, o seu princípio começa a oito graus além da mesma linha equinocial<sup>38</sup>. Seguindo o litoral deste, tanto navegávamos que, ultrapassado o Trópico de Capricórnio, encontramos o Pólo Antártico 50 graus acima de seu horizonte. E fomos

<sup>34</sup> *500 léguas*: cerca de três mil quilômetros.

<sup>35</sup> Aqui as palavras atribuídas a Vespúcio atingem um grau exorbitante e, certamente, injustificável de arrogância. Como discutido na *Apresentação*, os historiadores até hoje se dividem entre aqueles que consideram o florentino um hábil marinheiro e os que acham que ele não entendia absolutamente nada de navegação. As posições mais equilibradas e consistentes sugerem que ele era cosmógrafo e astrônomo, mas não piloto.

<sup>36</sup> *Ultranavegá-lo*: em latim, *illud praeter navigare* ("navegar além daquilo"). O texto espanhol traduz por "excluí-lo de nossa navegação", seguindo o texto italiano, que diz *quello excepto in nel navigare*. (JA e LCF)

<sup>37</sup> *60 léguas*: cerca de 360 quilômetros.

<sup>38</sup> *Paternalmente*: no espanhol, *fraternalmente*, como em italiano. (JA e LCF)

*Oito graus além da mesma linha equinocial*: nessa latitude encontra-se o Cabo de Santa Agostinho, em Pernambuco, onde Vespúcio de fato esteve, não apenas nessa viagem, mas também na seguinte, em 1502-1504.

perto do próprio Círculo Antártico 17 graus e meio. E o que aí vi e conhecemos sobre a natureza daquelas gentes, de seus costumes e tratabilidade, da fertilidade da terra, da salubridade do ar, da disposição do céu e dos corpos celestes e, maxime, das estrelas fixas da oitava esfera, nunca vistas ou tratadas pelos nossos antepassados, narrarei em seguida.

Primeiro, pois, sobre os povos. Encontramos naquelas regiões tanta multidão de gente quanto ninguém poderá enumerar, como se lê no *Apocalipse*<sup>40</sup>, gente, digo, mansa e tratável<sup>41</sup>. Todos, de ambos os sexos, andam nus, sem cobrir nenhuma parte do corpo; como saem do ventre materno, assim vão até a morte. Com efeito, têm os corpos grandes, quadrados<sup>42</sup>, bem dispostos e proporcionais, com cor tendendo para o vermelho, o que lhes acontece, julgo, porque, andando nus, são bronzeados pelo sol. Têm o cabelo amplo e negro; são ágeis no andar e nos jogos, de rosto afável e bonito<sup>43</sup>, que, contudo, eles mesmos destroem. Com efeito, eles perfuram as maçãs do rosto, os lábios, as narinas e as orelhas. Nem julgues que aqueles furos sejam pequenos ou que tenham apenas um. Na realidade, vi alguns tendo só no rosto sete buracos, em qualquer um dos quais era capaz de [caber] uma única ameixa. Tapam esses seus furos com pedras azuis, marmóreas, cristalinas e de alabastro, belíssimas, com ossos branquíssimos e outras coisas elaboradas artisticamente, conforme o uso deles. Ficarias admirado se visses coisa tão insólita, semelhante a monstro, a saber: um

<sup>40</sup> Trata-se do capítulo sete, versículo nove, do *Apocalipse*, que diz: "Depois disso, vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda a nação, tribo, povo e língua..." (JA e LCF)

<sup>41</sup> *Gente mansa e tratável*: as palavras utilizadas por Vespúcio, ou atribuídas a ele, são praticamente as mesmas das quais se serviu o rei português D. Manuel em sua carta aos reis católicos Fernando e Isabel, de Aragão e Castela, na qual definiu os indígenas do Brasil como "gentes mansas e pacíficas".

<sup>42</sup> *Quadrados*: em latim, *quadrata*. No sentido atual, seriam corpos baixos e atarracados. Segundo o dicionário de Moraes Silva, de 1813, o "homem quadrado" seria homem "constante nas adversidades". (JA e LCF)

<sup>43</sup> *Rosto afável e bonito*: no latim, *liberali atque venusta facie*. *Facies* significa aspecto, aparência, forma, rosto ou face. *Liberalis*, afável, agradável, cortês, bondoso, generoso. *Venustus*, formoso, bonito, elegante, amável, gracioso. Repete-se aqui uma constante dos textos dos primeiros viajantes ao Brasil: a admiração pela beleza física dos índios, sempre muito elogiada. (JA e LCF)



Rei dos Canibais: gravura de frei André Thevet, publicada na *Cosmographie Universelle*, impressa em Paris, 1575

homem com sete pedras — das quais algumas são do tamanho de meio palmo<sup>44</sup> — nas maçãs do rosto ou somente nos maxilares e nos lábios. Com efeito, muitas vezes considerei e julguei que tais sete pedras pesariam 16 onças<sup>45</sup>. Além de que, em cada orelha têm perfurado três buracos com outras pedras pendentes em anéis<sup>46</sup>. Esse costume é só dos homens. Realmente, as mulheres não perfuram o seu rosto, mas somente as orelhas.

Outro costume deles bastante enorme e além da humana credibilidade: na realidade, as mulheres deles, como são libidinosas, fazem intumescer as virilhas<sup>47</sup> dos maridos com tanta crassidão que parecem disformes e torpes; isto por algum artifício e mordedura de alguns animais venenosos. Por causa disso, muitos deles perdem as virilhas — que apodrecem por falta de cuidado<sup>48</sup> — e se tornam eunucos.

<sup>44</sup> *Meio palmo*: cerca de 10 centímetros.

<sup>45</sup> *Onça*: em latim, *unciae* (duodécima parte da libra romana). Antiga medida de peso equivalente a 28,65 gramas. Os adereços citados por Vespúcio teriam, portanto, cerca de meio quilo (458,4 gramas).

<sup>46</sup> *Pendentes em anéis*: brincos. Versão espanhola: em "anéis de três orifícios". (JA e LCF)

<sup>47</sup> *Virilhas*: em latim, *inguina*, que alguns traduzem como "membros". (JA e LCF)

<sup>48</sup> *Que apodrecem por falta de cuidado*: o texto italiano não registra essa frase. (JA e LCF)

Não têm panos nem de lã, nem de linho, nem de seda porque não precisam deles. Nem têm bens próprios, mas todas as coisas são comuns<sup>49</sup>. Vivem ao mesmo tempo sem rei e sem comando<sup>50</sup>, e cada um é senhor de si mesmo. Tomam tantas mulheres quantas querem: o filho copula<sup>51</sup> com a mãe; o irmão, com a irmã; e o primo, com a prima; o transeunte e os que cruzam com ele<sup>52</sup>. Quantas vezes querem, desfazem os casamentos, nos quais não observam nenhuma ordem. Além do mais, não têm nenhum templo, não têm nenhuma lei, nem são idólatras<sup>53</sup>. Que mais direi? Vivem segundo a natureza e podem ser considerados antes epicuristas do que estóicos<sup>54</sup>. Entre eles não há mercadores nem comércio das coisas.

Os povos geram guerras entre si sem arte nem ordem. Os mais velhos, com certos discursos, dobram os jovens para aquilo que querem e incitam para as guerras, nas quais matam cruelmente e mutuamente. E, aqueles que conduzem cativos de guerra, conservam não por causa da vida deles, mas para matá-los por causa de sua alimentação. Com efeito, uns aos outros, os vencedores comem os vencidos.

Dentre as carnes, a humana é para eles alimento comum. Dessa coisa, na verdade, ficais certo, porque já se viu pai comer os filhos e a

<sup>49</sup> Repete-se aqui a idéia, também defendida por Colombo e por Caminha, de que os indígenas desconheciam a propriedade privada. A tese, equivocada, acabaria se tornando um dos pilares em torno do qual Montaigne, Rousseau e outros filósofos franceses erigiriam o mito do "bom selvagem".

<sup>50</sup> Comando: em latim, *imperio*. (JA e LCF)

<sup>51</sup> Copula: em latim, *coit*, de *coire*, que significa fazer coito, juntar-se, encontrar-se, reunir-se. (JA e LCF)

<sup>52</sup> O transeunte e os que cruzam com ele: em latim, *obvius cum sibi obvius* ("o transeunte e os que com ele transitam"). Uma tradução mais livre seria "qualquer um com qualquer um". (JA e LCF)

<sup>53</sup> Começava a surgir a tese de que os nativos do Novo Mundo não tinham "nem fé, nem lei, nem rei". A suposição, aliás errônea, de que os indígenas não professavam nenhuma forma de religião se manteria ao longo de todo o século XVI.

<sup>54</sup> Epicuristas: seguidores da doutrina do filósofo grego Epicuro (341–270 a.C.), caracterizada por uma concepção materialista da natureza, indiferença diante da morte e uma ética favorável aos prazeres mundanos. Estóicos: seguidores da doutrina fundada por Zenão de Cício (335–264 a.C.), que se caracterizava pela extirpação das paixões e aceitação resignada do destino.



Ilustração de autor anônimo para edição alemã da *Lettera*, gravada por J. Gruninger, Estrasburgo, 1509

mulher. Conheci um homem, com o qual falei, do qual se dizia ter comido mais de 300 corpos humanos. Também estive 27 dias em certa cidade<sup>55</sup> onde vi carne humana salgada suspensa nas vigas das casas, como é de costume entre nós pendurar toucinho e carne suína. Digo mais: eles se admiram de não comer<sup>56</sup> nossos inimigos e de não usarmos a carne deles nos alimentos, a qual, dizem, é saborosíssima.

As armas deles são arcos e flechas. E, quando se preparam<sup>57</sup> para as guerras, não cobrem nenhuma parte do corpo para se proteger, de modo que nisso são semelhantes a bestas. Nós nos esforçamos quanto pudemos para dissuadi-los a afastar-se de seus costumes depravados, e eles nos prometeram que renunciariam àquilo.

As mulheres, como disse, embora andem nuas e sejam libidinosíssimas, têm contudo os corpos formosos e limpos, não são tão torpes quanto talvez se pudesse estimar porque, já que são carnudas, aparece menos a sua torpitude, que, a saber, é coberta pela maior parte da boa qualidade da corporatura. Extraordinária visão para nós é que, entre elas, nenhuma parecia que tivesse as mamas caídas. E as que pariam nada se distinguiam das virgens na forma e contratura do ventre; pareciam iguais nas partes restantes dos corpos, o que omito de propósito, por virtude. Quando podiam juntar-se aos cristãos, impelidas pela forte libido, contaminavam e prostituíam toda pudicícia.



<sup>55</sup> *Cidade*: em latim, *urbs*. Alguns traduzem como “aldeia”. (JA e LCF) Vespúcio afirma que permaneceu 27 dias entre os indígenas. Tal estadia, de acordo com certos historiadores, teria se dado na Baía de Todos os Santos. (EB)

<sup>56</sup> *Comer*: no italiano, *manzamo*. No latim, *comedimus*, de *comedere*. Tradução espanhola: “matamos”. (JA e LCF)

<sup>57</sup> *Preparam*: em latim, *properant*, de *properare*, mais próximo da idéia de “apressar”. Alguns traduzem como “avançar” ou “enfrentar”. (JA e LCF)

Vivem 150 anos. Raramente ficam doentes. Se adoecem, curam-se com raízes de algumas ervas. Essas são as coisas mais notáveis que conheci sobre eles. Ali o ar é muito temperado e bom, e — pelo que pude conhecer da relação com eles — nunca [houve] peste ou outra doença oriunda da corrupção do ar. Se não morrem de morte violenta, vivem longa vida. Creio [nisso] porque aí sempre sopram os ventos austrais e, principalmente, o que chamamos Euro<sup>58</sup>, que é tal para eles o que para nós é o Aquilão<sup>59</sup>.

São pescadores aplicados. Àquele mar é piscoso e copioso em todo o gênero de peixes. Não são caçadores<sup>60</sup>. Creio [que é] porque ali há muitos gêneros de animais silvestres, principalmente de leões e ursos<sup>61</sup>, inúmeras serpentes e outras bestas horríveis e disformes<sup>62</sup> e também porque ali há largas e longas selvas e árvores de imensa magnitude, e não ousam expor-se nus, sem proteções e armas, a tantos perigos.

A terra daquelas regiões é muito fértil e amena, com muitas colinas, montes, infinitos vales, abundante em grandíssimos rios, banhada de saudáveis fontes, com selvas amplíssimas e densas, pouco penetráveis, copiosa e cheia de todo o gênero de feras. Ali principalmente as árvores crescem sem cultivador, muitas das quais dão frutos



<sup>58</sup> *Euro*: do grego *euros*, o vento que sopra do oriente (leste).

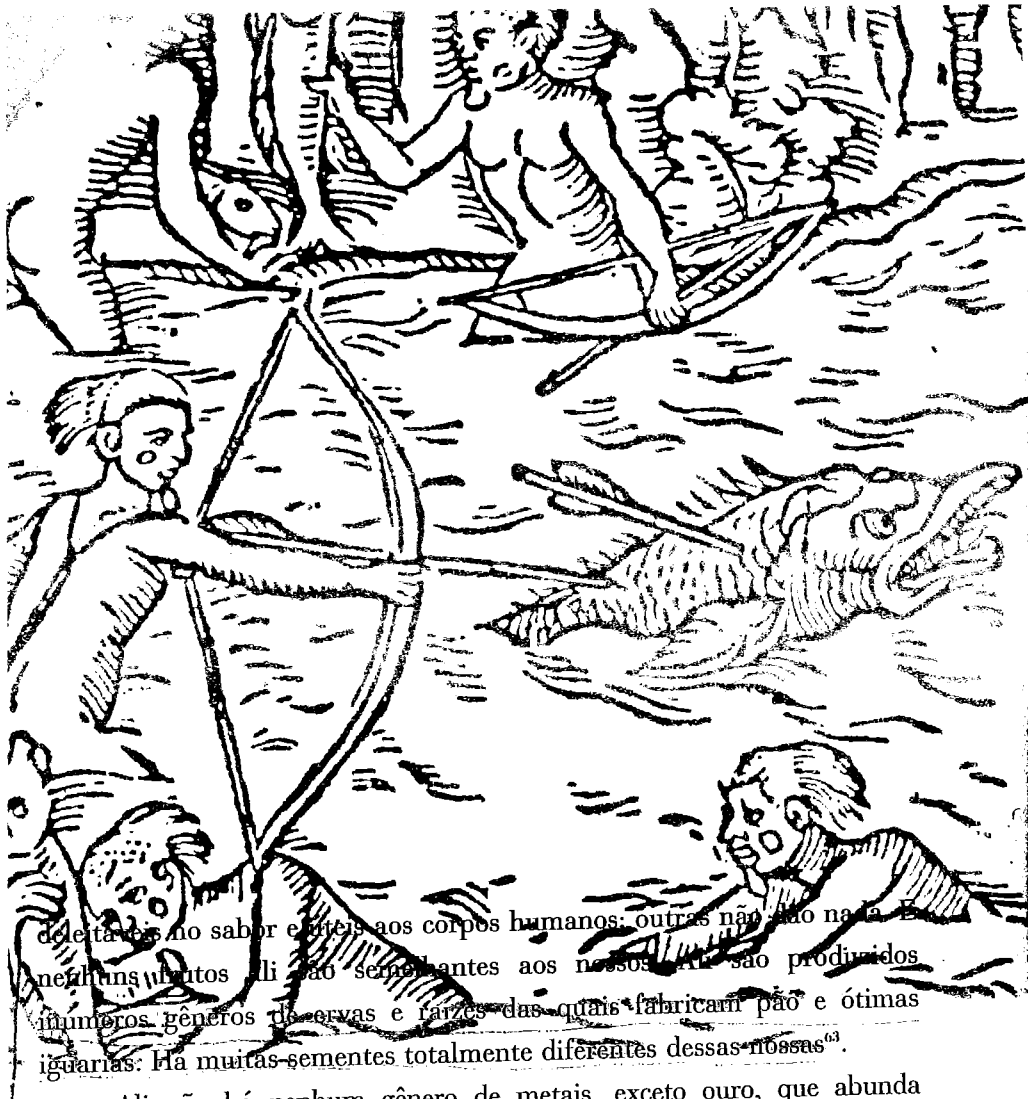
<sup>59</sup> *Aquilão*: vento do norte.

<sup>60</sup> *Caçadores*: em latim, *venatores*. Outras edições trazem *piscatores* (pescadores), que não traz sentido para o texto. (JA e LCF)

<sup>61</sup> *Leões e ursos*: como se sabe, estes não são animais nativos do Brasil. Vespúcio entendeu mal o que os nativos lhe falaram ou quis referir-se a outros animais, como, talvez, diferentes espécies de felinos e canídeos.

*Bestas horríveis e disformes*: os lendários “bestiários medievais” (livros de zoologia fantástica, que descreviam seres como dragões e unicórnios) foram constante fonte de inspiração dos primeiros viajantes quando precisavam descrever animais inteiramente desconhecidos na Europa.





deleitáveis no sabor e úteis aos corpos humanos; outras não são na terra. E  
neftuns outros ali são semelhantes aos nossos. Ali são produzidos  
inúmeros gêneros de ervas e raízes das quais fabricam pão e ótimas  
iguarias: Há muitas sementes totalmente diferentes dessas nossas<sup>63</sup>.

Ali não há nenhum gênero de metais, exceto ouro, que abunda  
naquelas regiões, embora nada dele trouxemos conosco nessa nossa primeira

<sup>63</sup> Todo o parágrafo celebra a exuberância da natureza do Novo Mundo e sua enorme diferença em relação à Europa. A semelhança entre esse trecho e a descrição que o padre Manuel da Nóbrega fez da Bahia, em março de 1549, é espantosa. Disse Nóbrega: "A terra é muito fresca (...), tem muitas frutas e de diversas maneiras, e muito boas, e que têm pouca inveja às de Portugal. Os montes parecem formosos jardins e hortas, e eu nunca vi tapeçaria de Flandres assim tão bela. Nos ditos montes há animais de muitas diversas feituras, dos quais Plínio nem escreveu nem soube. Tem muitas ervas de diversos aromas e muito diferentes das de Espanha, e certamente bem resplandece a grandeza, formosura e saber do Criador em tantas, tão diversas e formosas criaturas."

navegação. Disso nos deram notícias os íncolas, que afirmavam haver grande cópia de ouro<sup>64</sup> nos mediterrâneos<sup>65</sup>, por eles nada estimado ou tido em apreço. Abundam as pérolas, como te escrevi<sup>66</sup>.

Se quisesse lembrar cada coisa que ali existe e escrever sobre os numerosos gêneros de animais e a multidão deles, a coisa se tornaria totalmente prolixa e imensa. Creio certamente que o nosso Plínio<sup>67</sup> não tocou a milésima parte do gênero dos papagaios, nem de outras aves e animais que nas mesmas regiões existem com tanta diversidade de formas e cores que Policleta<sup>68</sup>, artista de consumada pintura, fracassaria em pintá-los.

Ali todas as árvores são odoríferas e cada uma emite de si goma, óleo ou algum líquido cujas propriedades, se fossem por nós conhecidas, não duvido que seriam saudáveis aos corpos humanos. Certamente, se o paraíso terrestre estiver em alguma parte da terra, creio não estar longe daquelas regiões, cuja localização, como disse, é para o meridiano, em tão temperado ar que ali nunca há invernos gelados nem verões fêrvidos.<sup>69</sup>

O céu e o ar, na maior parte do ano, são serenos e isentos de vapores espessos. As chuvas ali caem aos poucos e duram três ou quatro horas e desfazem-se como nuvens. O céu é ornado de sinais e figuras especiosíssimos, no qual anotei cerca de 20 estrelas de tanta claridade quanto algumas vezes vimos Vênus e Júpiter. Considerei os movimentos e

<sup>64</sup> *Ouro*: em carta anterior, escrita em setembro/outubro de 1502 e tida como autêntica, Vespúcio defende tese diametralmente oposta — a de que "não existia coisa de minério algum" nas terras que ele explorara. Mas Caminha, que também não avistara ouro, menciona o fato de os nativos afirmarem que o metal podia ser encontrado no interior do território.

<sup>65</sup> *Mediterrâneos*: nas terras interiores, nos sertões. (JA e LCF)

<sup>66</sup> *Pérolas*: no latim *margaritae* ou *margariti*. Alguns textos trazem "pedras preciosas". (JA e LCF)

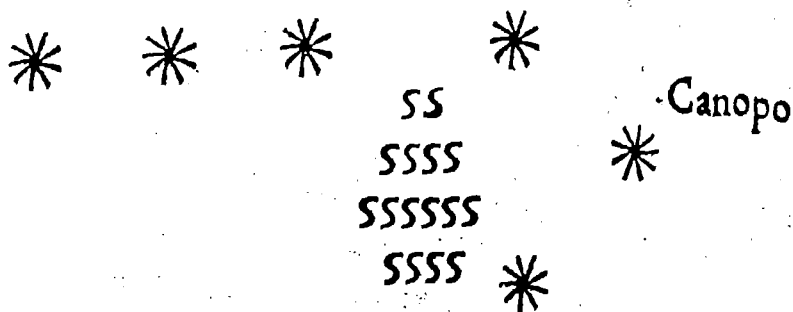
<sup>67</sup> As referências ao naturalista romano Plínio, o Velho (23–79), autor do famoso compêndio *História Natural* (no qual descreveu não apenas as espécies animais do Velho Mundo, mas também os monstros que habitariam as regiões ainda desconhecidas da Terra), são frequentes nas cartas dos primeiros viajantes que vieram ao Novo Mundo, entre os quais Vespúcio e Manuel da Nóbrega, como no trecho citado na nota 63.

<sup>68</sup> *Policleta*: não era pintor, mas escultor em bronze. Pintor renomado era Polignotos. (JA e LCF)

<sup>69</sup> *Paraíso terrestre*: Vespúcio já havia defendido a mesma tese, em texto mais elegante, na *Carta de Lisboa*, escrita entre setembro/outubro de 1502 e tida como autêntica. A *Carta de Lisboa* está na Parte II deste livro.



giros delas e medi sua periferias e diâmetros com métodos geométricos, e depreendi ser as de maior magnitude. Vi nesse céu três canopos<sup>70</sup>, dois bem claros; o terceiro, escuro. O Pólo Antártico não tem Ursa Maior e Menor — como aparece aqui no nosso Ártico —, nem junto dele se vê alguma estrela brilhante. E dessas [estrelas] — que se movem na órbita menor, ao redor daquele [pólo] —, três têm figuras de triângonos ortogonais<sup>71</sup>; dessas, a metade da circunferência, o diâmetro, tem nove graus e meio<sup>72</sup>. Quando essas [estão] a oriente, vê-se à esquerda um canopo branco de extraordinária magnitude, e, quando chegam ao meio do céu, apresentam esta figura:

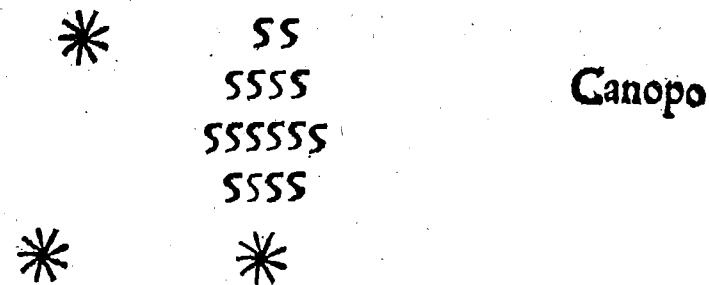


Depois dessas, vêm outras duas; dessas, a metade da circunferência, ou diâmetro, tem 12 e meio graus; e com elas se vê outro canopo branco. Seguem a elas outras seis formosíssimas e claríssimas estrelas, entre todas as outras da oitava esfera; na superfície do firmamento, a metade da circunferência, ou diâmetro, dessas [estrelas] tem 32 graus. Com elas percorre um canopo negro de imensa magnitude. São vistas na Via Láctea e, quando estão na linha meridional, têm a seguinte figura:

<sup>70</sup> *Canopo*: estrela de primeira grandeza pertencente à constelação de Argo. Nome de um deus egípcio e do vaso onde os egípcios colocavam as entranhas das pessoas mumificadas. (JA e LCF)

<sup>71</sup> *Figuras de triângonos ortogonais*: em latim, *trigoni orthogoni schema*. Triângonos são triângulos. (JA e LCF)

<sup>72</sup> Período complexo, com várias interpretações. Em latim, *et ex hiis que circum eum breviore circuitu feruntur, tres sunt habentes trigoni orthogoni schema, quarum dimidia peripherie diametrus gradus habet novem semis*. (JA e LCF)



Nessa minha navegação conheci muitas outras estrelas pulquérrimas<sup>73</sup>, das quais anotei diligentemente os movimentos e descrevi graficamente e com beleza num livrinho meu<sup>74</sup>, que está presentemente, com este sereníssimo rei; espero que ele me restitua.

Naquele hemisfério vi coisas que não estão de acordo com as razões dos filósofos. A Íris branca foi vista duas vezes por volta da meia-noite, não somente por mim, mas também por todos os nautas. Também, por várias vezes, vimos lua nova no dia em que se conjugava com o sol. Todas as noites, naquela parte do céu, cruzam inúmeros vapores e fachos luminosos<sup>75</sup>. Pouco antes disse "naquele hemisfério". Contudo, falando propriamente, não é um pleno hemisfério em relação ao nosso; porém, porque se aproximou daquela forma, permitiu-se, assim, ser chamado como tal<sup>76</sup>.

<sup>73</sup> *Pulquérrimas*: em latim, *pulcherrimus*, formoso, belo, precioso.

<sup>74</sup> São freqüentes as referências de Vespúcio, nesta e noutras cartas, ao folheto que ele teria escrito e entregue ao rei português D. Manuel. Se tal documento existiu, jamais foi encontrado, bem como nunca foi achada nenhuma menção da passagem de Vespúcio por Portugal, embora o historiador português visconde de Santarém tenha compulsado mais de 90 mil documentos com o propósito de verificar esse fato.

<sup>75</sup> *Fachos luminosos*: em latim, *ardentes faces*. Alguns, como Ana Maria de Aznar, que verteu a carta para o espanhol, traduzem por "luminárias"; outros, por "ardentes meteoros" (Marcondes de Souza), ou por "fachos ardentes" (Stefan Zweig e Riccardo Fontana). (JA e LCF) Veja os autores citados e suas respectivas obras na bibliografia ao final do livro.

<sup>76</sup> A idéia de "hemisfério sul" para designar a parte do globo onde está a América, portanto, não é inteiramente accita no texto, mas aí apresentada por aproximação. (JA e LCF)

Portanto, como disse, de Lisboa, de onde partimos — que dista 39 e meio graus da linha equinocial<sup>77</sup> —, navegamos [mais] 50 graus<sup>78</sup> para além da linha equinocial; os quais, somados, fazem cerca de 90 graus<sup>79</sup>. Como tal soma atinge a quarta parte do grande círculo<sup>80</sup> — segundo a verdadeira razão de medida legada a nós pelos antigos —, é manifesto que navegamos a quarta parte do mundo<sup>81</sup>. Por essa razão, nós habitantes de Lisboa, a 39 e meio graus em latitude setentrional<sup>82</sup> da linha equinocial, estamos — para aqueles que habitam 50 graus para além da mesma linha na latitude meridional<sup>83</sup> — a um ângulo de cinco graus em linha transversal. Para que entendas mais claramente: enquanto estamos em pé, uma linha perpendicular pende em nossa cabeça, de um ponto alto do céu, para nosso vértice<sup>84</sup>; para eles<sup>85</sup> [a linha] pende do lado ou nas costas. Do

<sup>77</sup> Lisboa está exatamente a 38,43 graus norte do Equador. Vespúcio errou por cerca de um grau. (JA e LCF) Um grau de latitude equivale a cerca de 125 quilômetros. (EB)

<sup>78</sup> 50 graus: em latim, *gradu quinquagesimo*. A versão latina de Vignaud traz *gradu quingentesimo* (“500 graus”), evidente erro tipográfico. (JA e LCF)

<sup>79</sup> 90 graus: de acordo com essas afirmações, a expedição de Vespúcio teria chegado ao sul da Patagônia, quase atingindo o Estreito de Magalhães (que está a 53 graus sul do Equador). De todo modo, se tais distâncias foram mesmo percorridas, as caravelas muito possivelmente estavam em alto-mar, já que teriam se afastado da costa na altura de Cananéia (atual litoral sul de São Paulo, a 25 graus sul). Tendo saído de Lisboa (38,43 graus norte), caso tenha realmente chegado a 53 graus sul, então a expedição de Vespúcio terá de fato percorrido 90 graus, equivalentes à “quarta parte do mundo”.

<sup>80</sup> Grande círculo: hoje conhecidos como Círculos Máximos, são circunferências imaginárias descritas na esfera celeste que passam pelos pólos e são perpendiculares ao Equador; são os meridianos que medem as longitudes. As paralelas de latitude têm apenas um círculo máximo, que é o Equador. (JA e LCF)

<sup>81</sup> Tal raciocínio é importante, porque daí Vespúcio conclui pela existência de uma parte do mundo ainda desconhecida pelos europeus, um mundo que acabou recebendo o nome de América em sua homenagem. As outras três partes conhecidas eram Europa, Ásia e África. (JA e LCF) Como colocado na *Apresentação*, porém, ele pode ter tido essa idéia depois do encontro com os integrantes da frota de Cabral no Cabo Verde ou juntamente com os demais membros da expedição na qual tomou parte. Também é importante ressaltar que Vespúcio não imaginava que esse Novo Mundo fosse um continente autônomo. Pelo contrário: julgava que aquelas novas terras provavelmente estavam vinculadas à Ásia.

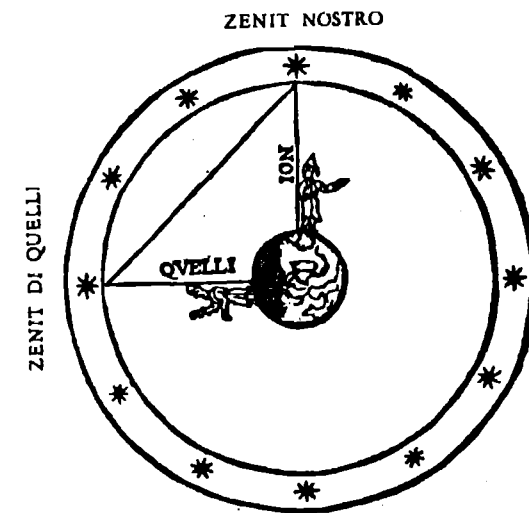
<sup>82</sup> Latitude setentrional: ao norte. (JA e LCF)

<sup>83</sup> Latitude meridional: ao sul. (JA e LCF)

<sup>84</sup> Vértice: zênite. (JA e LCF)

<sup>85</sup> Eles: habitantes a 50 graus ao sul do Equador. (JA e LCF)

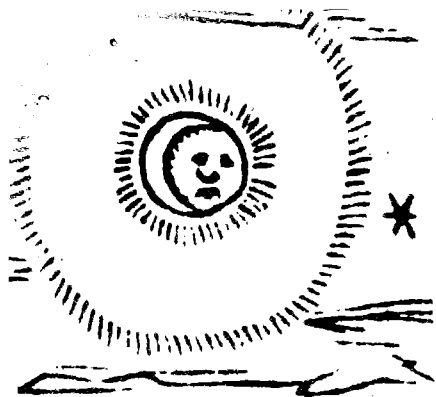
que resulta que nós estamos em linha reta, e eles em linha transversal<sup>86</sup>, formando um triângulo ortogonal de cuja linha fazemos a vez do cateto e eles da base; e a hipotenusa se estende de nós para o vértice deles, como aparece na figura abaixo. E essas coisas sobre cosmografia são suficientes.



Foram essas as coisas mais notáveis que vi nessa minha última navegação, que chamo de “terceira jornada”<sup>87</sup>. Com efeito, houve outras duas navegações, as quais fiz para o Ocidente por mandato do sereníssimo rei dos espanhóis, nas quais anotei as coisas admiráveis realizadas por aquele sublime criador Deus nosso. Fiz diário das coisas mais notáveis para que, quando me for dado ócio, possa coligir cada uma de todas essas maravilhas e escrever um livro de geografia ou cosmografia para que minha memória viva para os pósteros. E seja conhecido tão imenso artifício de Deus onipotente, em parte desconhecido dos antigos e

<sup>86</sup> Em linha transversal: na perpendicular. (JA e LCF)

<sup>87</sup> Terceira jornada: em latim, *diem tertium*. A expressão, bem como as frases seguintes, parece comprovar que Vespúcio teria vindo em quatro ocasiões à América, já que, depois da jornada arrada na Mundus Novus, ele de fato iria participar de uma nova expedição ao Brasil.



conhecido por nós. Desse modo oro para que o clementíssimo Deus prorogue os meus dias de vida, para que com sua boa graça e saúde de minha alma possa obter ótima disposição de minha vontade.

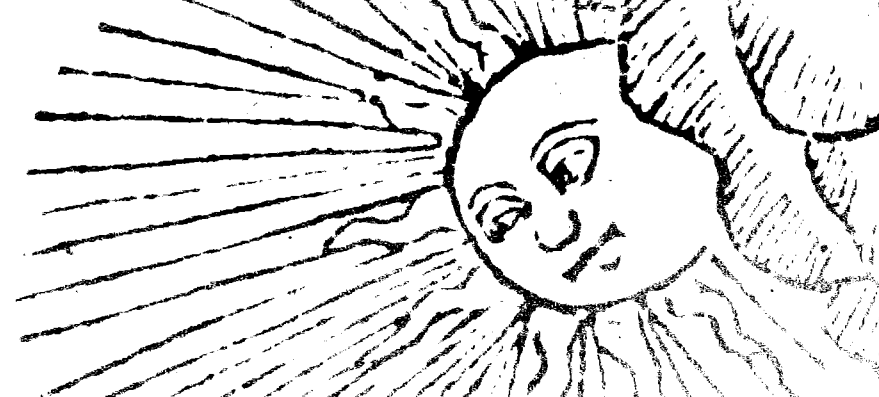
As outras duas jornadas conservo nos meus santuários. Aquele sereníssimo rei me restituindo a terceira jornada, tentarei voltar à pátria e ao descanso, onde poderei ocupar-me de terminar essa obra com os peritos e ter força dos amigos para ser confortado e ajudado.

Peço-te vênia se não te enviei esta minha última navegação, ou antes, última jornada, como te fora prometido na minha última carta. Conheces a causa: ainda não pude obter o original<sup>88</sup> deste sereníssimo rei. Penso comigo fazer ainda a quarta jornada<sup>89</sup>; isto feito, já me foi feita promessa de dois navios com armamentos, para que eu me prepare para investigar novas regiões para o meridiano do lado do Oriente, pelo vento chamado áfrico<sup>90</sup>. Nessa jornada, muitas coisas penso

<sup>88</sup> *Original*: em latim, *archetipum*. Torna-se clara a decepção (talvez acompanhada de impaciência) do navegador por não haver obtido de volta seu manuscrito. (JA e LCF)

<sup>89</sup> *Quarta jornada*: Vespúcio realmente tornou a partir em uma nova viagem de exploração em companhia dos portugueses. Teria sido, segundo ele, sua quarta jornada à América, embora a maior parte dos historiadores julgue que foi apenas a terceira.

<sup>90</sup> *Áfrico*: vento sudoeste, libeço, vulturno. (JA e LCF)



realizar, em louvor de Deus, utilidade deste reino e honra de minha velhice. E nada mais espero se não o consentimento deste sereníssimo rei. Deus permita o que for melhor. Saberás do que ocorrer.

O intérprete Giocondo<sup>91</sup> verteu esta carta do italiano para o latim para que todos os latinos entendam quantas muitas coisas admiráveis são encontradas a cada dia e se comprima a audácia daqueles que querem perscrutar o céu e a majestade e saber mais do que é lícito, quando, desde o tempo que o mundo começou, é ignorada a vastidão da Terra e as coisas que nela estão contidas<sup>92</sup>.

#### Louvor a Deus.

<sup>91</sup> *Intérprete Giocondo*: em latim, *Iocundus interpres*. Há controvérsias sobre a identidade desse "intérprete", ou tradutor, da *Mundus Novus*. A maior parte dos historiadores acredita que se trata de Giuliano di Bartolomeo dei Giocondo, o mesmo emissário florentino que o rei D. Manuel teria enviado a Sevilha para convencer Vespúcio a se transferir para Portugal. Outros, porém, pensam que pode se tratar do arquiteto e matemático veronês Fra Giovanni del Giocondo. O enigma se torna mais denso e mais saboroso quando se sabe que *jocundus* significa "jocososo", "engraçado", "cômico", "aquele que gosta de gracejar". A versão original da *Mundus Novus*, em italiano, hoje perdida, poderia, portanto, ter sido vertida para o latim por algum intérprete folgazão.

<sup>92</sup> A tradução de Thomaz Oscar Marcondes de Souza para esse último parágrafo é a seguinte: "Jucundo, o tradutor, verteu esta carta do idioma italiano para o latino a fim de que possam todos os latinistas compreender quão inumeráveis maravilhas se descobrem diariamente e para que se humilhe a arrogância daqueles que vivem a perscrutar o céu e a majestade divina, intentando saber mais do que é lícito; porquanto, apesar do longuíssimo tempo decorrido desde que o mundo é mundo, é desconhecida a vastidão da Terra e o que nela se contém".